

Editorial

Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães

Teresa Cristina Carreteiro

Jacyara Carrijo Rochael Nasciutti

Há muitas formas de gritar!

Das várias interpretações para o "O Grito" do Edvard Munch, o sentimento de angústia retratado nesta obra-prima é praticamente unânime para quem o observa. Pintada em 1893, essa obra foi escolhida e adaptada por Joana Forte para ilustrar a capa da edição especial do Caderno de Administração. A adaptação, ao mesmo tempo que explora esse sentimento de angústia do nosso atual "quadro" de pandemia, traz também o simbolismo desse grito que, apesar do isolamento mundial, é um grito dado por diversas pessoas, de várias nacionalidades e, como bem representado, é um grito anunciado por baixo de máscaras - para quem tem máscaras, para quem pode gritar e não ser silenciado. De qualquer forma... para além das máscaras, das curvas sinuosas e cores obscuras que reverberam os diversos gritos dessa adaptação de Munch, precisamos observar que há uma ponte entre o que foi e o que nos espera. E que por enquanto, estamos apenas atravessando para o outro lado do rio.

O COVID-19 explode devagar, sem que se acredite na sua potência de invasão mundial. Inicialmente, queria-se pensar que estava circunscrito à China, à Wuhan, mas ele vai se infiltrando lenta e rapidamente nos países, nas cidades, nas casas, nas famílias, nos sujeitos... tomando almas. Foi lento para nós podermos realizar sua letalidade, mas ele, sem cara e invisível, se alastrou de forma rápida em países e continentes.

O COVID-19 vai ganhando espaço sem que tivéssemos previsto ou tivéssemos tempo para nos prevenir. Chegou sub-repticiamente e vai se instalando como perigo. Somos chocados com as ações que preconizam isolamento espacial,

proteção, atitudes de prevenção. E uma nova rotina é jogada a quase toda a população que ainda tem possibilidade de se isolar. A outra parte da população é relegada a seguir sua própria sorte: sobreviver. De modo intempestivo, ninguém é imune ao perigo do vírus e as mudanças na organização familiar, social, política, econômica, na saúde e trabalho. Todos sofrem, de formas muito diferentes, pois as condições sociais, de proteção e desproteção são muito distintas. Todos, como Munch ao pintar o quadro “O Grito”, padecem e demonstram perplexidade. Ansiedade, angústia, terror, se multiplicam. Muitos gritam suas dores e são ouvidos, outros não são escutados. Mais uma vez, os gritos parecem ser inaudíveis ou se perdem no ar, não encontram endereçamento de pessoas ou instituições. Muitos estão juntos nas redes sociais; outros, sem distância espacial, com poucos recursos para participar do mundo virtual, continuam em busca de poder minimamente se manterem vivos.

A questão pandêmica tem sido intensamente abordada nestes últimos tempos, suscitando lembranças de pestes e pandemias já vividas no mundo. Se até então achávamos que o desenvolvimento da ciência, da medicina e o progresso da humanidade nos protegiam das “pestes”, o COVID-19 mostra a inveracidade de tal ideia e nos envolve de forma muito intensa. Nos afastamos da sociabilidade antes habitual, onde a maioria das atividades era pautada na convivência de interação física-social, em espaços comuns de trabalho ou lazer. Subitamente, o espaço público passa a ser objeto de interdições ou de limitações por recomendações sanitárias. Rapidamente três categorias se apresentam: os que podem ficar em casa; os que devem sobreviver correndo o risco de serem contaminados para garantir o sustento da família e os que devem continuar trabalhando para que a sociedade possa permanecer a funcionar, como por exemplo os/as garis, os/as agentes de saúde, os/as trabalhadores (as) de supermercados, enfim, aqueles que precisam manter as atividades essenciais ativas. Ficam inegáveis as divisões sociais do trabalho: os que são mais protegidos e os que são mais expostos ao vírus.

A edição especial "Gritos na Quarentena" é composta por pensatas e reflexões e se propõe a lançar um olhar sobre a crise mundial promovida pela Pandemia do Coronavírus COVID-19 e as profundas mudanças geradas na vida pessoal, organizacional, institucional e social no Brasil e no mundo. Os autores, com diferentes filiações profissionais e acadêmicas, do Brasil e de outros países contribuem com reflexões e posicionamentos sustentados nas Ciências Humanas, mais particularmente na Psicossociologia, na Sociologia Clínica, na Filosofia e na Administração, disciplinas que tem uma vocação interdisciplinar. As temáticas

abordam diversos campos sociais atingidos (saúde, trabalho, educação, cuidados, segurança, política e religião) e buscam levantar perspectivas para o mundo pós-crise pandêmica.

É consenso que todos os setores da sociedade se percebem afetados pela crise de uma forma ou de outra (ou de todas as formas), e se sentem tomados pelas mudanças já ocorridas e ainda em curso, e pelas dúvidas e temores com relação ao que nos reserva o futuro próximo. Nessas circunstâncias, é fundamental que a interlocução de ideias, de análises e de propostas, se faça de forma multi e interdisciplinar, independentemente de cada campo do saber científico, acadêmico, ou das práticas profissionais, como é a proposta deste trabalho. Diante do drama atual da existência e da perplexidade que nos atinge a todos, convidamos diversos profissionais da área das Ciências Humanas, de campos de trabalho diferentes, brasileiros e estrangeiros, a se expressarem neste volume, suas ideias e inquietudes, enquanto o grito pode ser escutado!

Assim, para a organização desta revista, dividimos os trabalhos em três eixos: 1) Imaginário Social e Políticas Públicas em Desconstrução; 2) A Organização do Trabalho em Tempos de Reestruturação e 3) Instituições, Coletivos e Vida Pessoal que estão detalhados a seguir.

No primeiro eixo denominado “Imaginário Social e Políticas Públicas em Desconstrução” agrupamos textos que fazem uma análise teórica e política da sociedade atual. Eles apontam como a crise que vivemos tem se manifestado em várias dimensões das sociedades. Eugene Enriquez, em “Democracia em Perigo”, volta seu olhar às democracias e ao lugar que cada cidadão ocupa como sujeito de direito. Para o autor as democracias são conflituosas e fundamentalmente instáveis, o que faz delas, comparando com os regimes totalitários, um regime de exceção. Teresa Cristina Carreiro em “Pandemia: luta entre dois imaginários”, sugere dois imaginários prevalentes no momento presente, o da suficiência e o do cuidado. A autora se apoia em ambos para pensar o pós-pandemia. Eduardo Mourão Vasconcelos em “O diagnóstico da psicopatia ajuda a esclarecer a atual crise política brasileira?” propõe uma análise da crise que não se reduz à figura do mandatário da nação. O autor apoiado nas contribuições da Psicossociologia, da Sociologia e da História investiga as razões que levam as populações a aderirem à tais fenômenos reducionistas. As autoras Marilene de Castilho Sá, Lilian Miranda e Fernanda Canavêz em “Pandemia COVID-19: catástrofe sanitária e psicossocial” analisam a crise atual, enfatizam seus paradoxos e as questões encobertas reveladas pela

pandemia. Este conjunto dá lugar a uma dupla catástrofe, social e sanitária, com grandes repercussões psicossociais, junto a indivíduos, grupos e sociedade. Christiane Girard no seu texto “Em Tempo De Coronavírus” nos deixa sentir sua sensibilidade e dor face a situação pandêmica. O quadro de Munch é citado, e inspirou o nome da atual Edição especial. A autora se apoia na sua experiência profissional como professora e pesquisadora do setor informal e da economia solidária e analisa as grandes fraturas da sociedade atual. Discute propostas para uma possível saída. Os dois próximos textos vem do exterior, Itália e Canadá. Franca e Agop Manoukian, em “Refletindo sobre a pandemia: notas da Itália”, analisam as mudanças ocorridas no tecido social durante a crise do coronavírus; criticam a complexidade atual do sistema sanitário italiano e as modificações que ele tem sofrido. Fazem um contraponto entre excesso de técnica e enfraquecimento do relacional e do coletivo, propondo o fortalecimento do segundo aspecto. Jacques Rhéaume na entrevista que concedeu à Ludmila Guimarães, aborda a erupção da crise, as medidas políticas implementadas no Canadá e as consequências para a democracia; critica proposições econômicas do governo de seu país e faz hipóteses sobre o pós-crise.

O segundo eixo, denominado “A Organização do Trabalho em Tempos de Reestruturação” apresenta textos que trazem reflexões sobre as diversas incertezas e desafios impostos no mundo do trabalho por uma peste que expõe visceralmente a fragilidade da humanidade. Em geral, esses textos se alternam entre o questionamento de uma precarização ainda maior do trabalho e uma possibilidade de reorganização e de aprendizado (quem sabe?). Florence Giust-Desprairies em “Reflexão Sobre como o Confinamento Mobiliza Nosso Ambiente de Trabalho Individual e Coletivo” traz à luz uma discussão sobre as implicações sociológicas e psicológicas da pandemia e as articula com o contexto do trabalho coletivo e individual. Na sequência, Ana Massa entrevista Vincent de Gaulejac que retoma temas centrais de sua obra como a sociedade paradoxante e a ideologia gerencialista para, então, trazê-los à conjuntura da COVID-19. Pedro Henrique Isaac Silva em “O Mundo do Trabalho e a Pandemia de COVID-19: um Olhar sobre o Setor Informal” analisa tanto os impactos da pandemia sobre os trabalhadores - em especial os informais, quanto as ações criadas pelo governo a fim de amenizar os efeitos da crise. As autoras Raquel Losekann e Helena Mourão em “Desafios Do Teletrabalho na Pandemia COVID-19: Quando O *Home* Vira *Office*”, trazem para o debate a difusão do teletrabalho como resposta à imposição do isolamento e apresentam os desafios do trabalhador para equilibrar as tarefas domésticas e profissionais neste cenário. O texto “Não São Gigantes, São

Moinhos De Vento: As Desventuras Dos/As Empreendedores/As Em *Terra Brasilis*” de Jannayna Ferraz, discorre de forma crítica sobre a prática do empreendedorismo e questiona sobre o debate entre “oportunidade e necessidade”, muito oportuno no atual momento, que é entremeado de uma ideologia que atua ocultando, invertendo e naturalizando as relações de trabalho. Os dois últimos ensaios apresentam uma discussão mais abrangente sobre as rupturas no *modus operandi* do mundo do trabalho. Jacyara Nasciutti em “Pandemia e Perspectivas no Mundo do Trabalho” levanta questões sobre a conjuntura laboral e o trabalhador e articula a esses temas os contextos econômico, social, político e cultural. Por fim, como fechamento desse eixo, Dominique Lhuillier nos brinda com o texto “E se essa crise mudasse radicalmente o Mundo do Trabalho” em que apresenta uma reflexão sobre uma nova divisão do trabalho e discute os novos cenários (possíveis) para o futuro considerando a vulnerabilidade do ser humano, a possibilidade do trabalhador de se questionar sobre a intensificação do trabalho e, entre outras questões, os dilemas ligados à saúde do trabalhador.

O terceiro e último eixo, nomeado como “Instituições, Coletivos e Vida Pessoal”, fala das situações extraordinárias impostas pela crise epidêmica e seus efeitos na dinâmica de instituições, coletivos e vivências pessoais. O primeiro trabalho: “Reflexões Sobre a Casa Dos Mortos Em Tempos De Pandemia: As Prisões Brasileiras”, de autoria de Vanessa Andrade de Barros e Carolyne Reis Barros, enfoca o contexto das prisões brasileiras, alerta para as condições de risco físico e social dos detentos e funcionários, e as repercussões das alterações promovidas nas relações com os familiares e suas visitas. Ainda sobre questões institucionais, o texto seguinte: “Como Pautar O Futuro Em Meio Ao Caos?”, de Daisy Moreira Cunha, questiona as atuais imposições feitas à universidade pública e elenca perplexidades face à conjuntura que associa conservadorismo religioso, político e epistêmico, trazendo interrogações sobre o que levar para o futuro. Segue-se um delicado olhar para as formas de vivência dessa pandemia: “COVID-19 – Uma Dura Sentença de Morte”, ensaio de autoria de Raquel de Oliveira Barreto e Alexandre Carrieri, discute o lugar destinado ao idoso nesse novo contexto social, pelo qual, entre considerações sobre a vivência dos idosos, destaca-se um critério de escolha sobre uso de equipamentos médicos, que pode significar uma sentença de morte. O trabalho: “O Real *Bug* do Milênio”, de Juliana Rochael Nasciutti, no contexto italiano nos traz o relato sensível da vivência pessoal no confinamento, e profissional, na dinâmica de funcionamento de um centro de acolhimento a mulheres vítimas de violência, nesse período

conturbado. A discussão seguinte: “Infância e Pandemia”, feita por José Newton Garcia de Araújo, aborda as desigualdades sociais que, neste contexto, atingem ainda mais as crianças brasileiras, entre elas indígenas e quilombolas, no acesso à educação e à saúde. Seguindo esse mesmo universo, “A normalidade da desigualdade social e da exclusão educacional no Brasil”, uma reflexão de Iracema Santos do Nascimento e Patrícia Cerqueira, tece considerações sobre a exclusão educacional e os desafios da desigualdade social, principalmente nas escolas públicas do ensino fundamental. Uma interessante reflexão, feita por Gilles Amado: “Misérias e Virtudes do Confinamento: reflexões clínicas”, analisa os distúrbios psicológicos, ansiedades e conflitos decorrentes da instabilidade nas relações de trabalho e aponta para a possibilidade de alternativas criativas e participativas gerando novos horizontes profissionais e pessoais. A esses temas, vem ainda se juntar o texto: “(Re)significação da solidariedade em tempos de confinamento”, de autoria de Lilian Bambirra de Assis, apresentando uma visão da solidariedade, não restrita a doações, mas que pode se mostrar em gestos e ações menos tangíveis. Finalizando todas essas contribuições altamente produtivas e instigantes sobre a vivência irruptiva e disruptiva trazida por esta pandemia, o ensaio “Espiritualidade / Religiosidade: Possíveis Companhias nos Desafios Pandêmicos – COVID-19”, de Wladimir Porreca, reflete sobre a companhia da espiritualidade e da religiosidade como um recurso no enfrentamento da realidade pandêmica do COVID-19, na busca de um novo sentido à vida e na recriação da solidariedade e da compaixão.

A materialização em tão pouco tempo deste volume, só foi possível porque contamos com uma equipe especial (citados na nominata) de avaliadores, tradutores e editores muito implicados no processo de transformar essa angústia em algo que tenha valor para a sociedade. Gostaríamos de agradecer particularmente a Hellen Marquezini que nos auxiliou de forma tão dedicada à organização desta edição especial.

Para concluir, todos gritamos, não há um grito, mas gritos perdidos ou captados. Os gritos são de todos, mas não de um coletivo; são gritos emitidos em diferentes extensões, volumes, intensidades, conforme suas origens e possibilidades. Nos resta então a seguinte pergunta: como continuaremos a gritar?

There are many ways to shout!

From the various interpretations of Edvard Munch's "The Scream", the feeling of anguish portrayed in this masterpiece is practically unanimous for anyone who watches it. Painted in 1893, this work was chosen and adapted by Joana Forte to illustrate the cover of the special edition of the "Cadernos de Administração". The adaptation, while exploring this feeling of anguish in our current pandemic "picture", also brings the symbolism of that scream which, despite the worldwide isolation, is a scream given by several people, of different nationalities and, as well represented, it is a shout announced under masks - for those who have them, for those who can shout and not be silenced. Besides... in addition to the masks, sinuous curves, and dark colors that reverberate the different screams of this Munch adaptation, we need to note that there is a bridge between what it used to be and what is waiting for us. And that, for now, we are just crossing to the other side of the river.

The COVID-19 explodes slowly, without believing in its power of global invasion. Initially, we wanted to think that it was limited to China, to Wuhan, but it is slowly and quickly infiltrating countries, cities, houses, families, subjects ... taking souls. It was slow for us to be able to carry out its lethality, but the virus, faceless and invisible, spread quickly in countries and continents.

The COVID-19 is gaining space and we did not have time to prevent ourselves from it. It arrived surreptitiously and is installing itself as a danger. We are shocked by the actions that advocate isolation, protection, preventive attitudes. And a new routine is played out for almost the entire population that still has the possibility to isolate itself. The other part of the population is relegated to follow its own luck: to survive. In a timely manner, no one is immune to the danger of the virus and changes in the family, social, political, economic, health, and work organizations. Everyone suffers, in very different ways, because the social, protective, and unprotected conditions are very different. Everyone, like Munch when painting "The Scream", suffers and shows perplexity. Anxiety, anguish and terror multiply. Many scream their pain out and are heard, others are not. Once again, the screams seem to be inaudible or are lost in the air, they cannot be addressed by people or institutions. Many are together on social media; others, without spatial distance, with few

resources to participate in the virtual world, continue in search of minimal power to stay alive.

The pandemic issue has been intensely addressed in recent times, raising memories of plagues and pandemics already experienced in the world. If, until then, we thought that the development of science, medicine, and the progress of humanity protected us from “plagues”, COVID-19 shows the untruth of this idea and involves us in a very intense way. We moved away from the usual sociability, where most activities were based on the coexistence of physical-social interaction, in common workspaces or recreation. Suddenly, public space becomes the object of interdictions or limitations due to health recommendations. Three categories quickly appear: those who can stay at home; those who must survive the risk of being contaminated to guarantee the family's livelihood and those who must continue to work so that society can continue to function, such as street sweepers, health and supermarket workers, in short, those who need to keep essential activities active. The social divisions of work are undeniable: those that are most protected and those that are most exposed to the virus.

The special edition "Screams in Quarantine" is composed of thoughts and reflections, and aims to take a look at the world crisis caused by Coronavirus pandemic and the profound changes generated in personal, organizational, institutional, and social life in Brazil and worldwide. The authors, with different professional and academic affiliations, from Brazil and other countries, contribute with reflections and positions supported in the Human Sciences, more particularly in Psychosociology, Clinical Sociology, Philosophy and Administration, disciplines that have an interdisciplinary vocation. The themes address several social fields affected (health, work, education, care, security, politics and religion) and seek to raise perspectives for the post-pandemic world.

It is a consensus that all sectors of society perceive themselves to be affected by the crisis in one way or another (or in all ways), and feel overwhelmed by the changes that have already occurred, those that are still underway, and by the doubts and fears about what the near future will bring. In these circumstances, it is essential that the interlocution of ideas, analysis and proposals, be done in a multi and interdisciplinary way, regardless of each field of scientific, academic knowledge, or professional practices, as proposed in this work. In view of the current drama of existence and the perplexity that affects us all, we invite several professionals in the

field of humanities, from different fields of work, Brazilian and foreign, to express themselves in this volume, with their ideas and concerns, while the cry can be heard!

Thus, for the organization of this magazine, we divided the works into three axes: 1) Social Imaginary and Public Policies in Deconstruction; 2) The Organization of Work in Times of Restructuring, and 3) Institutions, Collectives and Personal Life, which are detailed below.

In the first axis called “Social Imaginary and Public Policies in Deconstruction”, we group texts that make a theoretical and political analysis of the current society. They point out how the crisis we are experiencing has manifested itself in various dimensions of societies. Eugene Enriquez, in “Democracy in danger”, turns his gaze to democracies and the place of each citizen as a subject of law. For the author, democracies are conflicting and fundamentally unstable, which makes them, compared to totalitarian regimes, a regime of exception. Teresa Cristina Carreteiro in “Pandemic: struggle between two imaginaries”, suggests two imaginaries prevalent in the present moment, that of sufficiency and that of care. The author relies on both to think about the post-pandemic. Eduardo Mourão Vasconcelos in “Does the diagnosis of psychopathy help to clarify the current Brazilian political crisis?” proposes an analysis of the crisis that cannot be reduced to the figure of the nation's representative. The author, supported by the contributions of Psychosociology, Sociology, and History, investigates the reasons that lead populations to adhere to such reductionist phenomena. The authors Marilene de Castilho Sá, Lilian Miranda and Fernanda Canavêz in “COVID-19 pandemic: sanitary and psychosocial catastrophe” analyze the current crisis, emphasizing its paradoxes and the hidden issues revealed by the pandemic. This set gives rise to a double catastrophe, social and sanitary, with great psychosocial repercussions, among individuals, groups, and society. Christiane Girard in her paper “In coronavirus time” let us feel her sensitivity and pain in the face of the pandemic situation. Munch's picture is cited and inspired the name of the current Especial edition. The author draws on her professional experience as a teacher and researcher in the informal sector and the solidarity economy, and analyzes the great fractures of today's society. She discusses proposals for a possible way out. The next two texts come from abroad, Italy and Canada. Franca and Agoup Manoukian in “Reflecting on pandemic: notes from Italy”, analyze the changes that occurred in the social fabric during the coronavirus crisis; they criticize the current complexity of the Italian health system and the changes it has undergone. They make a counterpoint between excess of technique and weakening of the relational and the collective,

proposing the strengthening of the second aspect. Jacques Rhéaume, in the interview he gave to Ludmila Guimarães, discusses the eruption of the crisis, the political measures implemented in Canada, and the consequences for democracy; he criticizes economic proposals from the government of his country and makes hypotheses about the post-crisis.

The second axis, called “The Organization of Work in Times of Restructuring”, presents texts that reflect on the various uncertainties and challenges imposed in the world of work by a plague that viscerally exposes the fragility of humanity. In general, these texts alternate between questioning an even greater precariousness of work and a possibility of reorganization and learning (who knows?). Florence Giust-Desprairies in “Reflecting on how confinement mobilizes our individual and collective labor environment” brings to light a discussion about the sociological and psychological implications of the pandemic and articulates them with the context of collective and individual work. Following, Ana Massa interviews Vincent de Gaulejac who takes up central themes of his work such as the paradoxical society and the managing ideology, to then bring them to the conjuncture of COVID-19. Pedro Henrique Isaac Silva in “World of work and the COVID-19 pandemic: a look at the informal sector” analyzes both the impacts of the pandemic on workers - especially informal workers, as well as the actions created by the government to mitigate the effects of the crisis.

The authors Raquel Losekann and Helena Mourão in “Challenges for workers in the COVID-19 outbreak: when Home turns Office”, bring to the debate the diffuse response to the imposition of isolation and present the challenges of the worker to balance domestic and professional tasks in this scenario. The text “They are not giants, they are windmills: the misfortune of the entrepreneurs on *Terra Brasilis*” from Jannayna Ferraz, critically discusses the practice of entrepreneurship and questions the debate between “opportunity and necessity”, very opportune in the current moment, which is interspersed with an ideology that works by hiding, inverting and naturalizing labor relations. The last two essays present a more comprehensive discussion of the ruptures in the *modus operandi* of the world of work. Jacyara Rochael Nasciutti in “Pandemic and perspectives in the labor world” raises questions about the work environment and workers, as she articulates these issues within the economic, social, and polyculture contexts. Finally, as an end to this axis, Dominique Lhuillier offers us the text “And if this crisis radically changed the world of work...” in which she presents a reflection on a new division of labor and discusses

the new (possible) scenarios for the future, considering the vulnerability of the human being, the possibility of the worker to question himself about the intensification of work and, among other issues, the dilemmas related to the worker's health.

The third and final axis, named “Institutions, Collectives and Personal Life”, speaks of the extraordinary situations imposed by the epidemic crisis and its effects on the dynamics of institutions, collectives, and personal experiences. The first work: “Reflections on the house of the dead in times of pandemic: Brazilian prisons”, by Vanessa Andrade de Barros and Carolyne Reis Barros, focuses on the context of Brazilian prisons, warns to the physical and social risk conditions of detainees and staff, and the repercussions of changes promoted in relations with family members and their visits. Still on institutional issues, the following text: “How to guide the future in the middle of chaos?” by Daisy Moreira Cunha, questions the current impositions made to the public university and lists perplexities in face of the conjuncture that associates religious, political and epistemic conservatism, raising questions about what to bring to the future. There follows a delicate look at the ways of experiencing this pandemic: “COVID-19: a harsh death sentence” an essay by Raquel de Oliveira Barreto and Alexandre Carrieri, discusses the elderly’s place in this new social context, in which, among considerations about the elderly experience, stands out a criterion for choosing the use of medical equipment, which can mean a death sentence. The paper: “The Real Millennium Bug”, by Juliana Rochael Nasciutti, in the Italian context, brings us a sensitive account of the personal experience in confinement, and the professional one lived within the dynamics of the functioning of a reception center to women victims of violence in this troubled period. The following discussion: “Childhood and Pandemic”, by José Newton Garcia de Araújo, addresses the social inequalities that, in this context, affect Brazilian children, among which indigenous and quilombola, in access to education and health. Following this same universe, “The normality of social inequality and educational exclusion in Brazil”, a reflection by Iracema Santos do Nascimento and Patrícia Cerqueira, discusses educational exclusion and the challenges of social inequality, especially in public elementary schools. An interesting reflection, made by Gilles Amado: “Miseries and confinement virtues: clinical reflections” analyzes psychological disorders, anxieties, and conflicts resulting from instability in work relationships and points to the possibility of creative and participatory alternatives generating new professional and personal horizons. In these themes, there is also the text: “(Re)signification of solidarity in times of confinement: some reflections”, by Lilian Bambirra de Assis,

presenting a vision of solidarity, not restricted to donations, but which can show itself in fewer gestures and tangible actions. Concluding all these highly productive and thought-provoking contributions on the irruptive and disruptive experience brought about by this pandemic, the essay “Spirituality/religiosity: possible companies in pandemic challenges-COVID-19”, by Wladimir Porreca, reflects on the company of spirituality and religiosity as a resource in confronting the pandemic reality of COVID-19, in the search for a new meaning to life and in the recreation of solidarity and compassion.

The materialization of this volume in such a short time was only possible because we have a special team (mentioned in the nominate) of evaluators, translators, and editors very involved in the process of transforming this anguish into something that has value for society. We would like to particularly thank Hellen Marquezini, who helped us in such a dedicated way to organize this special edition.

To conclude, everyone screams, there is not a scream, but screams lost or captured. The screams are from everyone, but not from a collective; they are screams emitted in different extensions, volumes, intensities, according to their origins and possibilities. We remain with the following question: how will we continue to scream?